

ELENIR ALVES
ORGANIZADORA



SONHOS POÉTICOS

POEMAS E CONTOS



SELO
REVISTA PROJETO AUTOESTIMA

ELENIR ALVES

ORGANIZADORA



Copyright © por Autores
Organização: Elenir Alves
Projeto editorial: Ademir Pascale
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos autores
Obra protegida por direitos autorais
2021

Patrocínio:

www.revistaprojectoautoestima.blogspot.com

SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O TÍTULO DOS POEMAS OU CONTOS

- Introdução, por Elenir Alves, pág. 04
Opróbrios, por Alberto dos Anjos Costa, pág. 05
Vida pulsante, por Alberto dos Anjos Costa, pág. 13
Através das linhas, por Alice Moraes, pág. 21
Meus velhós, por Alice Moraes, pág. 23
Natal, por Branca de Neve, pág. 25
Você faz a sua história, por Branca de Neve, pág. 28
Dama da noite, por Cida Araújo, pág. 31
Traços do isolamento social, por Cida Araújo, pág. 33
Melhores memórias em palavras, por Daiane Carolina Cais de Moraes, pág. 35
Todos os botões do seu pijama eram o suficiente pra me levar aos abismo da loucura, por Hudson Henrique Rodrigues de Lima, pág. 37
Estrias, por Kátia Surreal, pág. 41
Terapia do copo, por Kátia Surreal, pág. 43
Inimigo invisível, por Larissa Querem, pág. 45
Aprecie o pelejar, por Luana Schrader, pág. 47
Suave melopeia, por Luana Schrader, pág. 49
Esfinge, por Pietro Costa, pág. 51
Sonhos a dedilhar, por Pietro Costa, pág. 54
A princesa da neve, por Roberto Schima, pág. 57
O burro, por Ronilson de Sousa Lopes, pág. 62
Muros baixos, por Rosiane Covaleski, pág. 66
O ciclo, por Simone Rodrigues de Carvalho, pág. 68
Uma realidade nua e crua da naturalização da violência contra a mulher, por Simone Rodrigues de Carvalho, pág. 70
Vocação, por Vânia Pontes, pág. 72
Participe de nossas antologias, pág. 74

Organização: Elenir Alves - elenir@cranik.com
Capa, arte e diagramação: Ademir Pascale ademirpascale@gmail.com

VISITE:

www.revistaprojetoautoestima.blogspot.com

www.facebook.com/projetoautoestima

www.instagram.com/revistaprojetoautoestima

INTRODUÇÃO

Quanta alegria sinto de estar finalizando essa antologia intitulada *Sonhos Poéticos*. Quero ressaltar que foi uma seleção bem difícil.

Tivemos muitos inscritos e deixar alguns autores para trás não foi fácil. Mas precisamos ter o cuidado para não pecar nessa hora.

É uma satisfação imensa e tenho orgulho de ver o talento nato de cada autor com seus textos tão inspiradores e únicos.

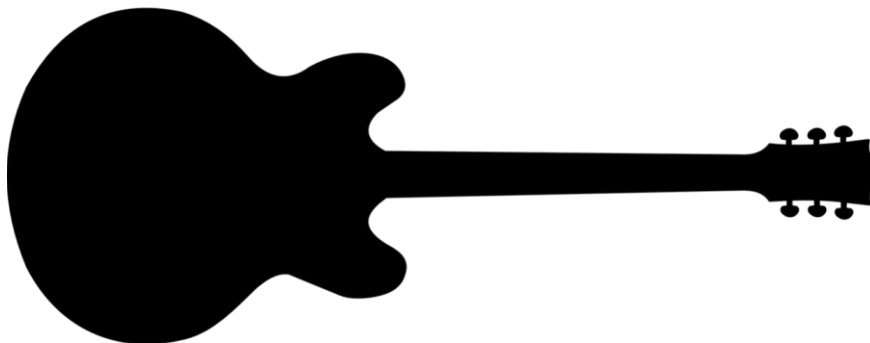
É isso... estou feliz e agradeço a todos os participantes selecionados desta antologia!

“Ninguém pode ver nem compreender nos outros o que ele próprio não tiver vivido.” — Hermann Hesse

Tenha uma ótima leitura!

Elenir Alves - Escritora e Editora

www.revistaprojetoautoestima.blogspot.com





APRESENTAMOS O POEMA

Próverbios

POR ALBERTO DOS ANJOS COSTA

Alberto dos Anjos Costa, é paulistano do bairro da Moóca na cidade de São Paulo/Capital. É Jornalista, Escritor com quatro livros publicados e Bacharel em Direito. Funcionário público concursado pelo Ministério do Trabalho, atualmente exerce a Chefia da Agência em Praia Grande/SP. Mas esses títulos e outros mais não significariam nada se o autor não tivesse em seu âmago; em sua essência; em seu espírito, aquilo que dignifica e enaltece realmente o ser humano, como a retidão em seu caráter, humildade, equidade, e a vontade de sempre praticar o bem e espargir o amor de seu coração!

Que Brasil é este?
de políticos tão honestos,
de justiça sem recessos,
de cultura abastada,
de escolas modernizadas!

Onde está a Educação?
Deste país emergente!
Professores sem motivação,
com salários indecentes!

Grande país de hipocrisias!
De aviltantes corrupções!
De políticos em demagogia,
comprando ouro e mansões!

Que Brasil é este?
de pujantes ferrovias,
de metrô ilimitados,
de ônibus não lotados,
sem caminhões em rodovias!

Que país de contrastes!
Onde ricos proeminentes,
contemplam os miseráveis,
brasileiros sobreviventes!

Que Brasil pujante!
De injustiças sociais!
De pobreza sem saúde,
em corredores de hospitais!

Por que o sarcasmo Brasil?

Pelos salários avantajados,
Pelos empregos em plenitude,
Pelos trabalhadores não destrutados,
Pelos empresas em licitude!

Oh! Brasil Continental!
De riquezas exuberantes!
O seu povo sente-se mal,
pelo trabalho escravo ultrajante!

Por que o escárnio Brasil?
Por ver repartições públicas produtivas,
com os cidadãos bem atendidos!
Pelos aposentadorias construtivas,
de um povo bem assistido!

Oh! Brasil de aposentados!
Vivenciando a mediocridade!
São contribuintes menosprezados!
Discriminados pela terceira idade!

Que Brasil é este?
de salário-mínimo condizente,
de saúde pública decente,
de governo sem prostituição,
sem policiais em corrupção!

Por que te revoltas Brasil!
Por essa casta de pífiros empresários,
mamando nas tetas do governo,
pagando percentuais milionários,
para uma Brasília em desgoverno!

Oh, Brasil!
De tantos contratos fraudados!
De tantas licitações compradas!
Sentindo a exploração de assalariados!
Vendo sua esperança ser trucidada!

Por que lamentas Brasil?
Pelo país de iletrados,
em que a sujeição é garantida,
pelo povo tratado como gado,
indo para o matadouro todo dia!

A servidão é bem arquitetada,
em benefício de uns milionários,
assim a mão de obra fica barata,
em um Brasil de pobres coitados!

Onde está a segurança?
Que preceitua a Constituição!
O cidadão sem esperança,
não sente orgulho da Nação!

Que Brasil é este?
em que a mídia é desmascarada,
a exclusão social é sepultada,
em que as favelas em extinção,
são provas de conscientização!

Oh! Brasil miscigenado!
De humilde povo hospitaleiro!
O pobre é que vive encarcerado!
O rico suborna com seu dinheiro!

Que Brasil é este?
sem prepotências, injustiças e enganos,
de reforma agrária consolidada,
sem abusivos impostos que geram danos,
a uma população que foi tão martirizada!

Brasil de extensas terras!
Muitas delas improdutivas!
A reforma agrária que se espera,
é postergada a cada dia!

Que Brasil é este?
de crianças não exploradas,
sem obras públicas superfaturadas,
de violências em extinção,
de brasilidade em exaltação!

Para onde vão os impostos,
que dos cidadãos são recolhidos?
Os opróbrios são tão expostos;
para a corrupção são revertidos!

Por que te decepções Brasil?
Por ver um presidente terraplanista,
que entroniza o armamento,
que se abraça com a milícia,
que tem práticas extremistas,
deixando a nação em constrangimento!

Oh! Brasil de tantas caras!
Tire a máscara da vergonha!
O seu povo que tanto trabalha!
Merece que a decência se sobreponha!

Como estamos atrasados,
por não investir em tecnologias!
O futuro do país é declinado,
por só vender matérias-primas!

Minha terra tem fronteiras,
às quais não são fiscalizadas,
a bandidagem sorrateira,
faz a nação ser defraudada!

Nosso Exército é relevante!
Nossa Marinha é equipada!
A Aeronáutica é brilhante!
São sanguessugas! Não fazem nada!

Oh! Governo descarado!
Impondo salário-mínimo ordinário!
O rico com seu ardil já preparado,
consolida o castigo aos proletários!

Por que tu entristeces Brasil?
Por ver um Judiciário corrompido,
com salários aviltantes!
Deputados prostituídos,
e um Senado de farsantes!

O povo clama justiça!
A Justiça roga socorro!
Sua lerdeza gera injustiças!
Sua lentidão afiança seu desdouro!

Brasil tão rico e miserável!

Que é amado e odiado!
A elite é cínica e implacável!
Os excluídos são segregados!

Oh! País de meliantes fardados!
Na prepotência de tiranos!
Inocentes cidadãos executados,
pela iniquidade de insanos!

Terra de néscias ingenuidades!
De religiões edificando torpezas!
Plácido povo em ambigüidade!
Pastores e padres aliciando riquezas!

Brasil de mulheres sensuais!
Desejadas por seus peitos e bundas!
São exportadas por enganos formais!
Prostituídas! Voltam moribundas!

Oh, Brasil!
Em que a formação da pobreza,
é dissimulação arquitetada!
Os ricos para garantir sua riqueza,
fomentam a mão de obra escrava!

Tantos impostos arrecadados,
sem relevantes retornos sociais,
hospitais estão sempre lotados,
tratando cidadãos como animais!

Brasil quiçá de indolentes!
Excluem a coletiva interação!
Estultos eleitores inconsistentes!

Elegem o desinteresse, prejudicando a Nação!

Oh, País! De rota de impunidades!
Desempregos, drogas e violências!
Traficantes recrutando a menoridade,
destruindo famílias, viciando a inocência!

Brasil! O que fizeram de ti?
Nestes desvios de retrocessos!
O povo, só pensa em cada um por si!
Sepultam seu lema de Ordem e Progresso!

Por que choras Brasil?
Quiçá pelos insipientes eleitores,
que elegem a corrupção;
somos todos detratores,
por faltar a conscientização!

Que Brasil é este?
de um povo tão politizado,
que sabe escolher seus representantes!
É o Brasil, agora respeitado!
É a nação de heroico brado retumbante!
Ah, Brasil! De sonhos e quimeras!
És a Pátria Amada! Que seu povo espera!





APRESENTAMOS O POEMA

Vida pulsante

POR ALBERTO DOS ANJOS COSTA

Alberto dos Anjos Costa, é paulistano do bairro da Moóca na cidade de São Paulo/Capital. É Jornalista, Escritor com quatro livros publicados e Bacharel em Direito. Funcionário público concursado pelo Ministério do Trabalho, atualmente exerce a Chefia da Agência em Praia Grande/SP. Mas esses títulos e outros mais não significariam nada se o autor não tivesse em seu âmago; em sua essência; em seu espírito, aquilo que dignifica e enaltece realmente o ser humano, como a retidão em seu caráter, humildade, equidade, e a vontade de sempre praticar o bem e espargir o amor de seu coração!

Choremos a juventude,
e a velhice também;
pois, a primeira sempre foge,
e a segunda sempre vem!

O tempo é implacável,
neste viver de aventuras,
juventude bela e saudável,
ancorada por loucuras!

Átimos extasiantes,
no vigor de energias,
juventude excitante,
de sonhos e utopias!

Mocidade competitiva,
saboreando ígneos prazeres!
Sexualidade intumescida,
pela concupiscência que refulgia!

Arrebatada juventude,
de insanas vontades sexuais,
o sexo em amplitude,
revelando vontades abissais.

Ah, transgressões!
Guardadas em segredo!
Pecados não revelados,
pela juventude em desejo!

Ah! Revigorante juventude!
Que neste benigno paraíso tropical praiano, cingido pelo ínclito e primoroso mar e
marchetado por veneráveis e fascinantes montanhas.

Oh! Impetuoso Mar!
De perigos ocultos e iminentes,
insólitas vidas a nadar,
em silente universo magnificente!

Ah! Proeminente Mar!
Como é lindo teu contemplar!
O mar é magnífico mundo inexplorado,
dádiva que provê o alimento consagrado,
oceanos que lançam périplos em devaneios,
alteroso alto-mar navegando aventureiros,
águas impetuosas criando ondas ao vento,
melodiosas águas firmando romantismo luculento,
alvas ondas que enlevam entoado cantar,
salgadas águas magnificentes ancorando o sonhar.

Neste virtuoso e laureado beneplácito climático litorâneo, impõe-se exíguas indumentárias, as quais fazem vicejar e recrescer impetuosos sentimentos e lauta sensualidade, pela inebriante e noviça mocidade, que refulge e exalta poesia e encanto; – divinizadas ninfas esculturais sugerem pensamentos voluptuosos, libidinosos e lascivos; envoltos em terna tentações e benquista luxúria; resplandecido pelo cálido prazer concupiscente em corpos torneados pela inspiração e alento divino; engendrado pela vontade dos Deuses, extasiados pelo júbilo da estesia e do etéreo amor.

Desponta nessa juventude bela e sedutora, a feminilidade, entreabrindo por decotes sumários o vislumbrar afrodisíaco de robustecidos seios de aroma virginal, que rutilam a libido e ensejam devaneios em carícias, beijos e afagos, que quiçá pelo magnetismo de auras cósmicas, convida-os à sucção de aréolas e de mamilos em eminência, enrijecidos pelo aprazer que a vida lateja em seus corpos e fazem-se sentir no despertar de latentes emoções.

Porquanto! Complexo!
O sexo é espontaneidade!

São os sentidos conexos;
sem proibições das ansiedades!

Tórridas sensações,
em anseios sensuais!
Almas em emoções,
satisfazendo paixões carnis!

Ah! Exuberante feminilidade jovial!

Em que no epicentro de seus corpos, destacam-se suas curvas arrebatadoras que remetem-nos a voos quiméricos e suas inebriantes coxas roliças, lisas como seda; – algures, encoberta pelo véu do pudor, cintila o seu Sol, magnânimo, – porta de entrada para o seu âmago, – que irradia envolvente fragrância em sua ardente atmosfera; – o qual fascina olhares furtivos e pecaminosos em sua pureza de incomensurável preciosidade. Contígua, está sua intumescente lua clitoridiana, induzindo para que sem tabus, sem medos e preconceitos, despida de repressões; seja executada carícias preliminares, para que em sua órbita umedecida, o sexo oral se faça presente; – confiando no clímax, no inefável orgasmo, o qual tornará profuso o néctar lactescente, que como magma, verterá de seu vulcão sideral flamejante, que imperiosamente impõe o corpo e alma, para a interação convergente da felicidade.

Sexo é sentimento em encanto,
sem atos em restrições!

São corpos que não são santos,
que se degustam por concessões!

Ah! Feminina mocidade exuberante!

Que na excitação avassaladora dos seus sentidos, seu universo ofertará taquicardia; extenuará músculos; o sangue fluirá em frenesi por suas artérias; mutações químicas desencadearão explosões neurais; seus órgãos liberarão assaz quantidade de estrogênios, progesterona e testosterona; – sairás fora de si, como pura magia, sua alma levitará pelos incontroláveis gemidos, sussurros e gritos lancinantes, amalgamados de

prazer que farão você perder a noção de tempo e espaço; – Você simplesmente se descobrirá como mulher.

Sou orgasmos;
sou o pecado;
sou sentimentos a entorpecer;
sou a vida sem marasmos;
sou a metáfora do prazer.

Depois de atingido o grau máximo do prazer, o ponto culminante sensorial de seu ser, a consecução de sua vitoriosa conquista; conheceréis a suavidade do contentamento na mansidão de seu corpo e da harmonia apaziguadora de sua alma, pelo saciar e sucesso de seus arroubos de prazer, virá o esmorecimento natural, porquanto intimamente satisfeita, pelo deleite de seus corpos, a quietude espargirá abrandamento de suas sensações.

Por que amar?
porque beijos são energias em sensações,
galvanizam e regozijam corações,
carícias em comunhão de corpos ardentes,
explodindo em orgasmos felizes e contentes.

Oh! Maravilhosa mulher revelada!
Após sua extraordinária proeza, desfrutada pelo ápice de seus ígneos estímulos sensoriais, em que cálidas emoções e sensações magnetizaram o seu corpo e galvanizaram a sua alma, sentirás a plenitude do amor na vida em deslumbre!

A vida é simplesmente uma maravilha,
de começo, meio e fim!
É uma estrela em sintonia,
com o magnífico universo sem-fim!

A vida é uma odisseia,

de revezes e de conquistas!
É uma sombra que passa!
É uma estrela cadente!
É uma vitória temporária!
É uma chuva complacente!
É uma gota no oceano!
É um grão de areia do deserto!
É um meteoro que vagueia,
sabendo que o seu fim é certo!

Asas indomáveis alçando voos independentes,
périplo da mocidade em aventuras tão vorazes,
inerentes tentações ofertando atos inconsequentes,
noviça navegante, descobrindo mundos, desbravando mares.

Tórridos desejos,
instigam ditosos beijos!
Torrentes emoções,
rejuvenescem corações!

Sincero sentimento,
rutila o amor,
dando à vida, alento,
esperança e vigor.

O amor é magia!
Sepulta rancores,
semeia harmonia,
propaga ternura,
carinho e brandura,
galvaniza uniões,
e ardentes paixões.

Pulsante vida!

Doce, em instantes venturosos,
que incentivam ternos sorrisos!

Fel, em momentos desditosos,
afligindo e torturando os sentidos!

Viva! Deveras!

Acredite em você!

Teu pulsar é relevante!

És estrela cintilante!

Faça o dia resplandecer!

Ah! Vigorosa juventude!

A qual foge pelo tempo!

As recordações na velhice amiúde,
criam lágrimas, por lindos momentos!

Persevere! Nunca desista!

És, aprendiz em emoções,
seja sempre exímia artista,
neste teatro de ilusões.

Ah, como nos faz bem,
cultivar o sublime amor!

Natureza da compaixão e generosidade,
que faz da nossa existência um resplendor,
na paz e harmonia que deveria ser nossa vontade!

Não reprima seus sentimentos!

Pois, reter é perecer!

O amor enseja alento!

Traz sorrisos em seu viver!

A vida é uma contígua seqüência,
de mortes e de ressurreições!
Viver é um risco de conseqüências,
de derrotas, vitórias e ilusões!

Nada igual como o tempo,
para assimilar a maturidade!
Na juventude aprendemos,
o despertar de responsabilidades!
Na velhice compreendemos,
o inerente ardor da vitalidade!





APRESENTAMOS O POEMA

Através das linhas

POR ALICE MORAES

Maria Alice Carneiro Moraes Silva, é professora da rede municipal de Feira de Santana-BA. Graduada em Pedagogia e Letras Vernáculas tem verdadeira paixão em ser educadora! É amante da música, da literatura, das artes em geral. Gosta de escrever poemas, contos e cordéis, expressando sentimentos, inspirando vidas.

Através das linhas

Tantos sentimentos

Amor, desamor

Tristeza, alegria

Espaço de desabafo

Isso é poesia!

Consigo comunicar

Sorrir, chorar

A raiva extravasar

A denúncia propagar

Trazer crítica e calma

Inspiração a novos dias.

Alívio a dor

Encantamento ao leitor

Estímulo de pensamento

Sabedoria, alento

Ardor, doçura

Poesia cura!





APRESENTAMOS O POEMA

Meus velhos

POR ALICE MORAES

Maria Alice Carneiro Moraes Silva, é professora da rede municipal de Feira de Santana-BA. Graduada em Pedagogia e Letras Vernáculas tem verdadeira paixão em ser educadora! É amante da música, da literatura, das artes em geral. Gosta de escrever poemas, contos e cordéis, expressando sentimentos, inspirando vidas.

Como é bom ter velhos por perto
E contemplar sua sabedoria
Nos contam tantas histórias
Repletas de alegria!

Dão dicas de remédio
São a voz da experiência
O que falam tem fundamento
Devido a tanta vivência.

Gosto muito dos meus velhos
Do sorriso encantador
Do cuidado com os netos
Carregado de amor.

Vamos embalar seus sonhos
Vesti-los de esperança
Pois um dia deixam de ser velhos
E voltam a ser criança.





APRESENTAMOS O POEMA

Natal

POR BRANCA DE NEVE

Bianca Rosseti Vieira, 19 anos, escreve poesias desde os 16 anos, sempre teve uma paixão muito forte por livros e poemas, em seus poemas demonstra tudo o que está sentindo, utiliza a poesia para falar, está cursando a graduação de enfermagem, porque assim como ama os livros e a poesia, sua paixão também é cuidar e ajudar os que precisam.

Uma data tão especial
Que já não é mais igual
Depois de alguns partir
É difícil conseguir
A família reunir

Depois que a mesa foi ficando vazia
Foi acabando a magia
O Natal foi perdendo seu valor
Já não se vê tanto amor
A família reunida no Natal
Ah, não tem nada igual...

O tempo vai passando
As comemorações acabando
O sentido do Natal deteriorando
Começou a faltar
Quem sabia amar
Para quem o Natal devia se comemorar
Fazer a troca de presente e se abraçar

Esquecem que Natal é dia do salvador
Aquele que suportou tanta dor
Pois seus filhos muito amou

Se Cristo nos ensinou a amar
Porque deixamos nos enganar
E por vezes estamos a brigar

Ao amor devíamos nos entregar
Natal é para se comemorar
Mostrar que sabe amar
A família abraçar
A Cristo saudar
Aqueles que partiram lembrar
Porque em nossos corações vão estar

Vamos fazer um Natal diferente
Mostrar que somos gente
Que ainda sabemos amar
Abraços apertados vamos dar
O verdadeiro Natal vamos ressuscitar





APRESENTAMOS O POEMA

Você faz a sua história

POR BRANCA DE NEVE

Bianca Rosseti Vieira, 19 anos, escreve poesias desde os 16 anos, sempre teve uma paixão muito forte por livros e poemas, em seus poemas demonstra tudo o que está sentindo, utiliza a poesia para falar, está cursando a graduação de enfermagem, porque assim como ama os livros e a poesia, sua paixão também é cuidar e ajudar os que precisam.

Você faz a sua história
No livro da vida a gente vai escrevendo
Cada capítulo vamos vivendo
A cada desafio vamos aprendendo
Se renovando a cada ensinamento
Explorando cada momento

Você faz a sua história
E decide qual a memória
Que vai deixar para quem lhe conheceu
Se alguém que muito amou e viveu
Ou alguém que só reclamou e sofreu

Acreditar na vida e viver
E a todo instante aprender
Escrever a sua história
Não perder a memória
Acreditar na glória
Viver uma nova história

Persistir e nunca desistir
Você vai conseguir
Escreva sua história com amor
Faça com todo o fervor

O que passou, passou

Importa o que ficou

Nada é impossível que não se possa lutar

Seu sonho não é grande, você pode alcançar

Basta você saber acreditar

E insistir para conquistar

Escreva sua história como quem sabe amar...





APRESENTAMOS O POEMA

Dama da noite

POR CIDA ARAÚJO

Cida Araújo, é natural de Canindé-Ceará. É atriz, arte-educadora e poetisa. Graduada do Curso de Licenciatura em Teatro no IFCE-Instituto Federal do Ceará e Bolsista do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas-NEABI Campus Fortaleza. Seu trabalho é pautado na resistência da População Negra, Estética Racial, Teatro do Oprimido(TO) e Teatro Experimental do Negro(TEN). Tendo como foco no fortalecimento da arte e da educação.

Eis que somos a dama da noite,
as que plantam a lua com afetos
onde o assobio percorre pelas plantas
Mãe-da-lua, nos proteja com a sua passagem
e nos cativa com o seu canto.
O silêncio é cantiga para quem observa a pureza da noite,
com os olhos mariados
apreciam a valsa das ondas com o luar.
Bailamos com o vento e nos purificamos nas águas do rio nascente.
E Cruzamos novos tempos,
tempos de cura, de saberes, de fortalecimento.
Somos a dama da noite,
somos sementes que fecundam na terra,
somos oceanos em noite de lua nova,
que todo mês se renova.





APRESENTAMOS O POEMA

Traços do isolamento social

POR CIDA ARAÚJO

Cida Araújo, é natural de Canindé-Ceará. É atriz, arte-educadora e poetisa. Graduada do Curso de Licenciatura em Teatro no IFCE-Instituto Federal do Ceará e Bolsista do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas-NEABI Campus Fortaleza. Seu trabalho é pautado na resistência da População Negra, Estética Racial, Teatro do Oprimido(TO) e Teatro Experimental do Negro(TEN). Tendo como foco no fortalecimento da arte e da educação.

As ruas estão calmas,
tudo anda conforme o não planejado.
Vidas bagunçadas, algumas sem rumo,
as pessoas estão morrendo em silêncio.
Os dias, as horas parecem não passar,
penso que estou correndo contra o tempo,
é como se vivesse nele e ao mesmo tempo fora dele.
Parece que tudo está paralisado.
Imagino que estou dançando entre a solidão e a esperança.
E quando água toca em meu corpo,
sinto o medo percorrer em meu ser.
As marcas que foram deixadas
são histórias que existem e resistem
Que estão em processos de cura.
Nesse percurso escrever é ressignificar
os meus sonhos, os medos e meus passos.
Hoje eu descrevo meus caminhos
que são traçados pelas recordações:
dos amigos, familiares e daqueles que deixaram saudades,
dos locais da cidade e das ondas do mar.
As palavras tem histórias
e carregam o poder da cura e acolhimento.
No meio de todos esses sentimentos
consigo sentir o cansaço em meu corpo, a esperança no olhar,
e quando eu falo, posso sentir o medo em minha voz trêmula,
a respiração descontrolada quando me derramo em lágrimas.
E penso que sou poeta, atriz e sonhadora do impossível.
Escrever cada sentimento é um ato de coragem para aqueles que sonham
com uma sociedade mais justa.
Quando tudo isso passar,
nos restarão os poemas daqueles que dançam com as palavras
e acreditam em um mundo melhor.





APRESENTAMOS O POEMA

Melhores memórias em palavras

POR DAIANE CAROLINA CAIS DE MORAES

Daiane Carolina Cais de Moraes, nascida em Vinhedo - SP, no dia 10 de setembro de 1999, universitária, cursa Administração, é uma jovem escritora que desde bem pequena já manifestava interesse por música, aprendeu a cantar com 8 anos de idade e aos 11, aprendeu a tocar violão. Devido a sua sensibilidade e intensidade de se envolver nesse mundo artístico, descobriu em 2014 mais um forma de demonstrar e expressar suas ideias, visões e sentimentos que transbordam em seu interior: através dos Poemas, sua paixão.

Memórias me vem à mente
Quando eu convivia com você
Conversas... risadas...
Tristezas... alegrias...
Muitas vezes por nós divididas...

Músicas e belos sons
Entre bebidas e amores
Me lembram de uma época que não éramos tão sós...

Seus olhares admirados...
Seus abraços apertados....
Conversas simplesmente jogadas fora...
Ah... simplesmente me completavam...

Entre mil histórias
Inúmeras canções me uniam a ti...
Há quanto tempo...
Não sabia que farias tanta falta assim...

Incontáveis sonhos e conselhos
Por mais que eu não soubesse
Sim... Eu confiava em você...

Quando poderei te encontrar de novo?...
Lembrar dos tempos de escola...
Onde compartilhávamos tudo?

Sei que seguimos caminhos totalmente diferentes...
Mas as lembranças estarão sempre em meu coração e minha mente...
Do prazer que era estar ao seu lado...
O universo paralelo que juntos criamos
Odeio o fato de não poder voltar ao passado...





APRESENTAMOS O POEMA

*Todos os botões do seu pijama eram o
suficiente pra me levar ao abismo da loucura*
POR HUDSON HENRIQUE RODRIGUES DE LIMA

Hudson Henrique, nascido em Curitiba/PR, 06 de outubro de 1994. Escritor e músico brasileiro. Cresceu lendo Bukowski, Quintana e Neruda.

Escreveu os primeiros poemas nas últimas páginas do caderno dentro da sala de aula. Tem a escrita como rota de fuga para projetar seus sentimentos e sonhos.

Textos carregados de mensagens, melancolia e superação.

Com três livros já lançados. Sua primeira obra de lançamento como escritor e poeta, foi o livro "Todas as músicas que eu nunca cantei". O seu segundo livro se chama "Madrugada adentro como essas, costumam me puxar pelos calcanhares todas as noites". E o terceiro livro "Somos todos Anjos bêbados demais pra tentar voltar para casa". Ambas em formato digital, lançados em meados de 2020, disponível em plataformas de leitura virtual (vide seu site oficial).

Tem dias que conspiram a nosso favor.
Todos os sinais estavam abertos,
assim como minhas janelas.

O vento era doce e calmo,
era gelado suficiente pra não fazer frio,
ao mesmo tempo não fazia mexer os cabelos.

Minha pele, já enrijecida contra o tempo infinito,
me recordo de pensamentos bons (como sua voz e sua alma pura).

O movimento era pouco, talvez por ser domingo,
ou talvez por eu ser o cara mais sortudo desse universo.
As falas eram pequenas, mas a razão, gigante.

A cidade vinha calma,
igual uma flecha dormente sem veneno sob a lança.
Igual uma criança sonolenta no banco de trás.

Me abasteci de sonhos e pensamentos,
com você a vida se tornava leve e simples.

Calma, tenha calma.
Boas coisas levam tempo a se fazer,
e eu me faço todo pra você.

O natal vinha chegando perto,
a exuberância vinha conversando com o progresso.
Que só tínhamos a ganhar.
Ninguém perde, apenas aprende.

Meus caminhos que já passei, foram turbulentos.
Ninguém saiu ileso.

Aprendemos com o que temos.
E posso te esperar a vida inteira.
Dois, três segundos, já valeria a pena.
Tem dias que nascem antes de nascer.
E tem dias que morrem antes de se perceber.

Mora em cada digital dos seus dedos,
em cada centímetro do seu olhar contra as nuvens metalizadas de Deus.

Eu gosto de você mais do que queria admitir.

Então não se assuste em mim, admitir.
Que você é um raio contra a tempestade.
Renegada contra a tormenta que abraça os prédios e cidades.
Eu te amo mais do que as raízes amam levantar as calçadas desniveladas.
Mais do que os muros de concreto em cima de flechas afiadas e calmas.
E todos os botões do seu pijama eram o suficiente pra me levar às tramas da loucura,
e despertar meus pensamentos mais volúveis
contra minha ingenuidade de criança curiosa.

Seus moletons eram maiores que você.

Cheguei a pensar em um ponto de abri-los,
desabotoar e sentir a cor da sua pele em uma noite arrebatada
de sonhos dormentes e infinitos
na minha vida de criador de momentos que nunca vão acontecer.

Mas isso é impossível por agora.

Cheguei a pensar em desabotoar,
ver o reflexo que brotava em tua claridade, decente e macia.
Vestida de lua.

Te levar comigo pra qualquer lugar que eu for.
Te tornar infinita em meus tragos e respirações diárias.





APRESENTAMOS O POEMA

Estrias

POR KÁTIA SURREAL

Kátia Surreal é escritora, professora e blogueira. Os sites em que divulga seus textos são: Fugere ad Fictem – invite a incômodos experimentos literários - <https://fugere-fictis-katia-surreal.webnode.com/> e Instagram - https://www.instagram.com/katiasurreal_/?hl=pt-br.

Minhas estrias, meus estresses

Extrapolam

O tênue tecido

Em atrito

Co'as estradas estreitas

Que trilham

Entre trevas e estrelas

O trâmite estrangulado

Estressado

Estriado

Estreia:

Estria!

Trrr...





APRESENTAMOS O POEMA

Terapia do copo

POR KÁTIA SURREAL

Kátia Surreal é escritora, professora e blogueira. Os sites em que divulga seus textos são: Fugere ad Fictem – invite a incômodos experimentos literários - <https://fugere-fictis-katia-surreal.webnode.com/> e Instagram - https://www.instagram.com/katiasurreal_/?hl=pt-br .

Olhe profundamente para o interior de um copo vazio. Veja o quanto ele é, de fato, vazio. Olhe...

O copo permanecerá vazio, porque ainda que o preencha, a sua natureza vazia será retomada. Caso resolva deixá-lo permanentemente cheio, toda a vida que há nele se perderá com os dias. O líquido se tornará fétido, repulsivo, inútil.

Por isso, encha sempre o copo, mas nunca deixe o conteúdo presente apodrecer. Renove-o ciclicamente e não se esqueça de que o vazio sempre será fará necessário. Faz parte da vida...





APRESENTAMOS O POEMA

Inimigo invisível

POR LARISSA QUEREM

Formada em Direito pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR). Especialista em Direito constitucional. Mestranda em Direito Constitucional Público e Teoria Política. Possui experiência na área da pesquisa, inclusive, participou da publicação do Livro Acesso à Justiça: atualidade e perspectivas da Comissão de Acesso à Justiça da OAB-CE. Autora dos livros: Crianças e adolescentes em situação de rua: Três possíveis soluções para reversão desse cenário de mendicância e de Apenas Palavras: há beleza no caos. Premiada pela Fundação Edson Queiroz com a Bolsa de Pós-graduação Yolanda Queiroz por ter se formado em 1º lugar entre os concludentes da Universidade de Fortaleza no 2º semestre de 2019. Mérito acadêmico do Direito no segundo semestre de 2019 na Universidade de Fortaleza (UNIFOR). Atualmente, fez Mentoria em Direito Constitucional com Nathalia Masson (por Método de Aprovação).

Hoje o dia foi ótimo
Mas, nem todos os dias são assim
Desde que comecei a conviver com um inimigo invisível sem fim
É como se tudo fosse monótono
Será que não vai ter mais cura?
Até vidas perdemos nessa loucura
Os noticiários alertam para os números de casos suspeitos
E eu aqui apenas esperando dias menos estreitos
Em que eu possa sentir a brisa leve
Sem achar que o mundo se estremece
Quero voltar a ter paz
Sonhar em dias a mais
Sem ter que enterrar entes queridos
Transformando corações inteiros em vazios
Nesse ínterim, sinto vontade de sumir
Por não sentir mais a minha vida fluir
Até que lembro que é apenas um vírus
E que maior é o Deus que sirvo!





APRESENTAMOS O POEMA

Aprecie o pelear

POR LUANA SCHRADER

Luana Schrader, graduada em Moda e Imagem pessoal pela ESR Paris, atualmente graduanda de Letras, sempre foi amante do mundo da literatura. Enxerga a escrita como a mais genuína forma de arte e expressão.

Participou de diversas antologias poéticas, com publicações presentes na Bienal do Livro de São Paulo e Rio de Janeiro, escreve no Instagram @luanaschrader e está em processo de produção do seu primeiro livro, um romance intitulado "Serendipity" em que fala sobre a magia do acaso e dos encontros inesperados do Universo.

Eram tempos difíceis para os sonhadores,
Amélie Poulain dizia em melodia
E eu perdurava a melancolia
Que insistia em me alastrar.

Passarinhos cantavam e me contavam,
A dor iria acabar
E a luz iria reinar
Na beleza do pelejar.

Não temas e não desistas,
O sol não tardará
E a tristeza lhe deixará
Siga com o coração e aprecie a redenção.





APRESENTAMOS O POEMA

Sua doce melopeia

POR LUANA SCHRADER

Luana Schrader, graduada em Moda e Imagem pessoal pela ESR Paris, atualmente graduanda de Letras, sempre foi amante do mundo da literatura. Enxerga a escrita como a mais genuína forma de arte e expressão.

Participou de diversas antologias poéticas, com publicações presentes na Bienal do Livro de São Paulo e Rio de Janeiro, escreve no Instagram @luanaschrader e está em processo de produção do seu primeiro livro, um romance intitulado "Serendipity" em que fala sobre a magia do acaso e dos encontros inesperados do Universo.

Tu és poesia em essência
Encanta com sua malemolência
Desata os nós com borogodó
E dança leve, sem dó.

És melopeia inquieta e bela
Tens riso frouxo e sorri com gosto
No olhar, composição de aquarela
És bela e singela, de agosto a agosto.

Você tem estrelas no olhar
Alma de passarinho, só quer voar
És poesia e canção de ninar
Impossível não te notar.

Entre karma e dharma
Seu sorriso doce desarma
Sua calma te faz, aos ouvidos, melodia
Musicalidade em suavidade cantada.





APRESENTAMOS O POEMA

Esfinge

POR PIETRO COSTA

Pietro Costa. Nascido em Brasília/DF, em 30.06.1981. Escritor, Poeta, Agente e Produtor Cultural, Comendador e Embaixador da Paz da OMDDH, presidente da Academia Cruzeirense de Letras, Acadêmico Internacional da FEBACLA, Representante do Brasil no Congresso Universal de Escritores (Lima/Peru), integrante da ACILBRAS/AIL/Literarte/Cultive/AILB/Mágico de Oz, autor de 4 obras literárias, co-autor de mais de 50 coletâneas, detentor de diversas honrarias, prêmios e títulos.

Inebriado eu me sinto
Não pelo teor alcoólico
Propriamente dito

Mas pelas doses abrasantes
E shots extenuantes
De dores e amores
Pelo que é e faz sentido
Não pela Cerveja, Vinho
Uísque, Cachaça, Absinto
E tudo o mais que é servido
No pé-sujo ou no grã-fino

Inebriado eu me sinto
É pelo poema sorvido
Pela música tocada
Pelo arranjo inventado
Pela noite enluarada
Pelo eclipse avistado
Pela estrela iluminada
Pelos teus olhares famintos
Esfíngicos
A decifrar meus abismos
A acolher minhas taras

Bem-aventurado é o poeta
Amante da linguagem
Que escreve fora das margens
Pela vida afora, todas as horas
Fluindo, trocando confidências
Tocando, destilando carícias
Entre angústias e alegrias
Superlativas

Somente a poesia nos salva
Sem ela, somos almas penadas
Marcas sem memória e glória
Nadas semânticos, cacofonias
Devorados por um estilo de morte
Seres mergulhados na fobia de vida
Submersos na maré de inglória sorte

Se a poesia não nos decifra
Somos afetos sabotados
Vírgulas sem pausa e causa
Parágrafos sem nexos
Desafetos do sexo
Ideias repetidas





APRESENTAMOS O POEMA

Sonhos a dedilhar

POR PIETRO COSTA

Pietro Costa. Nascido em Brasília/DF, em 30.06.1981. Escritor, Poeta, Agente e Produtor Cultural, Comendador e Embaixador da Paz da OMDDH, presidente da Academia Cruzeirense de Letras, Acadêmico Internacional da FEBACLA, Representante do Brasil no Congresso Universal de Escritores (Lima/Peru), integrante da ACIL-BRAS/AIL/Literarte/Cultive/AILB/Mágico de Oz, autor de 4 obras literárias, co-autor de mais de 50 coletâneas, detentor de diversas honrarias, prêmios e títulos.

Madrugada fria
Que traz
Pálpebras insones
E carregadas
Tua promessa
É audaz
De intrepidez
De calma

Gotejam pingos
De chuva
Intermitentes
Vem tua música
Me aquecer
Espetacularmente

Ó viola querida
Um dueto primoroso
Com a sonora garoa
Que parceria venturosa
Eis-me um ouvinte ditoso

Sou canoeiro
Ao navegar denso
Em teu rio de lágrimas
És menina arteira
Desprovida de senso
Pois laças nós
Em pingos d'água
Nessa vida de solitude
Tuas notas me notam
E me consolam amiúde

Fazes a monotonia violar
Nas tuas cordas alvoroçadas
Resgatando sonhos a dedilhar





APRESENTAMOS O CONTO

A princesa da neve

POR ROBERTO SCHIMA

Roberto Schima é neto de japoneses, nascido a 01/02/1961. Agra-
ciado com o "Prêmio Jerônimo Monteiro", promovido pela "Isaac
Asimov Magazine" (Ed. Record). Contemplado nos concursos "Os
Viajantes do Tempo" e "Os Três Melhores Contos", ambos pela Cone-
xão Literatura, com a qual colabora desde o nº 37. Escreveu: "Lim-
bographia", "Sob as Folhas do Ocaso", "Cinza no Céu" etc. Partici-
pou de várias antologias: "O Legado de Edgar Allan Poe", "Histórias
para Ler e Morrer de Medo" I e II, "Tempo de Amar" (Conexão Lite-
ratura). Contato: rschima@bol.com.br

E ela.

A neve.

A cabana.

As auroras.

As montanhas.

Em minha cabana de madeira, pergunto-me até hoje se aquilo que aconteceu foi real ou fruto de uma mente solitária. Sei alguma coisa sobre a realidade, porém, nada entendo sobre sonhos e o diáfano esplendor do etéreo.

Mas no Grande Norte, tudo parece estar envolto por uma aura de irrealidade, isso eu reconheço.

Sei muito pouco, quase nada, a respeito dela. Isso me frustra, mas o mistério faz parte da magia. Assim como misterioso era o lugar para o qual eu, um forasteiro de sob a linha do equador, acabara de me mudar face as circunstâncias da vida. Sentir-me um peixe fora d'água era uma metáfora bastante pobre, podem acreditar.

Ela surgiu mansamente entre os cristais de gelo, a bruma branca, a brisa ártica e o primeiro arrepio do outono. E tão silenciosa quanto.

Os dias ficavam mais curtos; minha aflição, cada vez maior.

Por que eu fora me enfiar naquele lugar? Via-me transformado em comida de urso ou lobos a todo instante. Ou imaginava-me subitamente sem fogo, congelando lentamente feito um picolé barbado. Por isso, estava na beira da floresta e cortava lenha feito um alucinado. Lenha, lenha, lenha! Nunca era demais, dizia para mim, embora já tivesse o suficiente para derreter todo o Yukon.

E foi assim, enquanto eu cortava lenha para a lareira e o fogão, que ela surgiu sem que eu ouvisse seus passos.

Levei um susto tremendo, contudo, ela não se abalou nem um pouco por estar diante de um estranho desgrenhando, portando um machado afiado nas mãos. Havia tanta curiosidade em seus olhos quanto, certamente, nos meus. Fiquei embasbacado.

De onde teria vindo?

Quem era ela?

Era real?

Sua tez era alva, quase tão branca quanto a neve que nos rodeava. Os cabelos louros e os olhos azuis eram em tons tão claros que, no conjunto, davam-lhe uma aparência celestial - recuso-me a dizer fantasmagórica -, de alguém fora deste mundo.

Seus trajes não faziam por menos, pois não passavam de vestes de linho branco que jamais protegeriam alguém do frio ártico. Esfreguei meus braços para fazer-lhe entender que estava perguntando se não sentia frio. Todavia, ela negou num aceno de cabeça. Era uma espécie de espírito da neve, conforme as superstições dos habitantes locais, embora eu jamais tivesse presenciado algum e, tampouco acreditasse nessas histórias mais do que nas aparições de lobisomens no interior de meu próprio país. E, entretanto, estava tão em harmonia com aquelas montanhas, as coníferas, os flocos que caíam sem cessar do céu, o nevoeiro, o frio e a longa escuridão que se aproximava. Fazia parte deles, de tudo aquilo. E ouvir sua voz era se sentir parte do Ártico, era voar em meio ao azul do firmamento com as aves migratórias, era o vislumbre de toda a majestade que compunham as auroras boreais, era navegar pelo oceano escuro cujo horizonte diluía-se na bruma. Não compreendia uma única palavra de meu idioma e demonstrava saber somente o básico da língua local.

Não me recordo de seu nome. O som era como o soprar do vento entre os pinheiros, ciprestes e abetos. Fosse como fosse, não importava. Para mim, ela sempre seria conhecida pelo apelido que lhe dei: A Princesa da Neve. E, assim, sempre seria para mim.

Comunicávamos por mímica e pelo pouco que ela sabia de Inglês.

Quando consegui me fazer compreender que indagava a ela de onde era, ergueu seus braços e formou um arco ao redor. Ajudou-me tanto quanto se dissesse em bom Português que viera de Marte.

A Princesa da Neve ensinou-me a gostar do frio.

Eu praguejava contra a baixa temperatura que fazia o ar quente de minha respiração condensar-se numa coroa de gelo sobre a barba, os cabelos, as sobrancelhas. Minhas juntas doíam. O ar glacial feria meus pulmões. E eu me perguntava como, em nome de qualquer coisa que fosse sagrado, fora parar naquele lugar abandonado por Deus.

Oh, o quão enganado eu estava!

Entre outras coisas, ela ensinou-me a ouvir o gelo. Podem imaginar algo mais absurdo? Colocava um pano entre a minha orelha e a superfície congelada de um lago próximo, fechava os olhos e escutava ele estalar através do tecido. Na maior parte das vezes porém, cantava feito uma baleia. Incrível! Punha-me a imaginar a profundidade das

águas mais abaixo, suas criaturas vivendo tão isoladas na penumbra ou completa escuridão como se viessem de eras pré-históricas ou de outro planeta.

Fizemos longas caminhadas pela floresta, por rochedos íngremes e até subimos montanhas. Eu ficava deslumbrado com o cenário do qual só conhecia uma porção e ao nível do solo. Ela se divertia com isso e enchia-se de orgulho. Não aparentava temer coisa alguma, nem quando, uma vez, escutamos um puma nas proximidades. Admivara as gralhas e o Sol sobre a extensão dos vales. Amava a pureza do cheiro da neve.

Ensinou-me muitas coisas sem nada pedir em troca.

Entretanto, fui incapaz de acompanhá-la num mergulho nas águas geladas. Certo dia, A Princesa da Neve cavou um buraco no gelo do lago e, em trajes menores, molhou seus pés delicados, as pernas de marfim, a cintura e, quando me dei conta, submergiu completamente. Fiquei atônito ao percebê-la sob a camada de gelo, nadando feito um delfim. Depois mergulhou e senti-me desesperado de preocupação. Ninguém sobreviveria a tal provação. Mas, algum tempo depois, ela reapareceu sorridente, trazendo um peixe enorme nas mãos o qual me presenteou. Através de gestos, convidou-me a acompanhá-la em novo mergulho. Recusei. Não tive coragem. Aquilo era demais para mim. Se ficou decepcionada, não o demonstrou.

Hoje, tantos anos depois, arrependo-me de não ter ido com ela. Talvez, ela pudesse proteger-me contra a hipotermia por algum encantamento que me era desconhecido, como o fez em relação ao puma. Já disseram que a gente só se arrepende daquilo que não fez. Não digo que concordo completamente - fiz besteiras demais durante a vida -, porém, naquele caso em particular, sim. Quem sabe, se a tivesse seguido, ela estaria até agora ao meu lado. Não tenho como saber, não mais.

Havia dias em que eu não a via. Sentia muito sua falta.

Ela vinha de repente, sem se anunciar, e partia sem eu saber.

Era um cristal de gelo, pousando, repousando e partindo ao sabor do vento.

Um dia, comentou casualmente sobre a mudança climática. Sinceramente, ecologia e meio ambiente nunca foram de meu interesse, exceto naquilo que me dizia respeito imediato. Eu não gostava da poluição na minha cidade natal, de ver os rios imundos e fedendo barbaramente ou da atitude imbecil do prefeito que cortara as árvores nas ruas e praças sob o argumento de que as folhas faziam sujeira. Havia tristeza no semblante d'A Princesa da Neve. Entre mímicas e palavras, mencionou o derretimento do gelo nos polos, nos cumes das montanhas e o cair da neve cada vez mais raro. De fato, os invernos

andavam menos rigorosos e fui prudente o suficiente para não mencionar que, ao menos a princípio, eu até apreciara.

Ela desapareceu depois que vi a neve cair pela última vez.

Procurei-a por todos os lugares que andamos - bem armado com um rifle, claro -, mas não encontrei.

A temperatura ficou mais agradável; as correntes oceânicas mais amenas e, ao menos por ora, a pesca tornou-se mais abundante.

Mas ela havia sumido.

Acredito que foi embora junto com a neve. Era o seu elemento. Era parte dela; e ela, parte da neve.

Agora, ao findar de cada curto verão, eu continuo "naquele lugar", o Grande Norte. Não reclamo tanto do frio e até aprendi a gostar dele e de seu odor penetrante. Ponho-me a passar mais tempo no alpendre da cabana de madeira, fumando meu cachimbo, observando a penumbra e a escuridão por entre as árvores da floresta. Então, espero. E rezo, pedindo para ela retornar.

Entrementes, se tudo não passou de um sonho, fruto da solidão, então, de pálpebras cerradas, aguardo e oro, implorando para sonhar.

As montanhas.

As auroras.

A cabana.

A neve.

E ela.

NOTA DO AUTOR:

Inspirado na fotógrafa, artista e youtuber sueca e seus maravilhosos vídeos em meio à natureza, Jonna Jinton (<https://www.youtube.com/watch?v=-wFsYY71wyk&t=25s>).





APRESENTAMOS O CONTO

O burro

POR RONILSON DE SOUSA LOPES

Ronilson de Sousa Lopes é escritor, poeta, contista e professor de Filosofia do Instituto Federal do Amazonas. Membro correspondente da Academia Internacional de Artes, Letras e Ciências 'A palavra do século 21' – ALPAS 21. Atualmente cursa Mestrado em Estudos Literários na Universidade Federal de Rondônia – UNIR.

O velho vaqueiro, depois de idoso, deu-se ao disparate de falar com os bichos, não com todos, mas, com um especificamente: um burro castanho de nome José e, cujo codinome era Sousa, tudo isso porque fora presenteado pelo famoso Dr. José de Sousa, fazendeiro que fora padrinho de seu Raimundo, o atual dono do burrico melado.

Seu Raimundo era solitário, pelo menos até certo ponto, visto que tinha mulher e filhos, e não poucos, no total de treze, porém alguns já tinham se ido, casaram-se, dando netos para o velho até mesmo criar ou só passar as temporadas de férias.

O velho gostava muito dos filhos, dos netos e da mulher, no entanto, tinha se afeiçoado demasiadamente ao animal, dizia ele que o caso era mesmo uma dívida, uma gratidão que tinha ao padrinho.

Ganhara o equino a mais de oito anos, tal presente fora tão importante que ao ser presenteado não teve nem palavras para agradecer ao doador, se bem que sempre lhe fora prestativo, afinal lhe dedicara anos de serviços, por menos de um salário e sem carteira assinada.

Devo também acrescentar que o burro era meio defeituoso, não só porque era meio torto, mas, sobretudo porque tinha certos defeitos irreparáveis, entre eles: não segurava em nenhuma cerca mesmo peado de três pés. Quando solto, era muito velhaco, corria para que não se colocasse o cabresto, quando pego dava patadas em quem tivesse por perto, mordida na hora de apertar a cilha que prendia os arreios, ficava amuado, quando se montava parava empacado, nem ia nem vinha, pulava adoidado, deitava quando alguém subia em seu lombo, enfim, o burrico era muito amável.

Se bem que a criatura não era assim com todos, ele também se afeiçoara ao dono, sobretudo porque foram anos vivendo juntos, apanhando lenha para a cozinha do patrão, buscando água para aguar as plantas de uma fonte distante, pondo as cargas de mandioca de molho na cacimba para amolecer e novamente buscando-as transformadas em puba para torrarem farinha, passeando na casa de algum vizinho, campeando o gado, enfim, com tudo isso o animal lhe era manso, cordial.

De outro modo era com os moleques de seu dono; os filhos menores, os netos e as mulheres; com eles o peludo não tinha dó nem piedade, ainda mais quando se estava longe do seu dono, por exemplo, quando os meninos iam apanhá-lo e o safado corria, os meninos voltavam, o velho não acreditava, — ora, meninos da peste, preguiçosos. E, toma-lhe cipó nas costas dos moleques.

As mulheres quando iam lhe apertar as cilhas: paf, paf! E iam se elas de canelas rochas de patadas. No entanto, o velho não acreditava. — Como podem dizer uma dessas com esse pobre animal? — o que vocês fizeram com o pobre do burro? — Ora, mulheres ingratas. Com tudo isso, criou-se uma cisão na família. Senão bastasse o velho vaqueiro lhe dava todo carinho e compreensão, e, aos outros, desprezo.

O velho tinha o burro em tamanha conta que não havia um só dia que não conversasse com o animal, buscava-o cedo, punha ração, aparava os pelos, penteava-os, passava as mãos devagarinho acariciando o lombo do animal.

Por vezes, o buscava só para ficar a conversar durante as tardes de domingo, lhe coçar a cabeça, qualquer carinho. A mulher, sem jamais pedir, visto que não era de seu feitio, uma mão nas costelas, um afagozinho qualquer que fosse, nada, porém seu olhar não mentia, suas mãos massageando o próprio couro, não negava, suplicava qualquer carinho, no entanto, a ela nada sobrava.

O pior veio depois. Um dia, após a mulher criticar aquela situação toda, o velho Raimundo não gostou. O motivo era simples, visto que tudo tem uma causa, pelo menos uma aparente, o resto ficava mesmo velado. O danado do animal sujou o terreiro, o velho ignorou, mas, depois que a mulher resmungou, ele pôs os meninos para limpar, a velha atalhou: — não, que você limpe! — Não é do teu burro? — Ora, o burro não tem culpa, disse o velho. — Ele é só um animal, afinal de contas ele sempre foi muito dedicado, que importa se ele caga em nosso terreiro.

Com isso a velha esbravejou. O velho não gostou, apanhou a animal, acreditem, e o colocou dentro de casa. E não só, mas pôs sua refeição sobre a mesa do jantar, de modo que o amigo poderia comer tranquilo. Assim, além de comer as refeições junto com a família, agora ele sujava toda a casa.

Desse modo, foi-se um dia, e, a noitinha puxou o bicho. Para fora? Não! Para dentro do quarto. O dono o fez se esticar sobre a cama, e como se não bastasse o cobriu o animal com o cobertor, enquanto a mulher esticou-se no chão.

Isso não foi nada. Ainda tinha muito a acontecer. E veio depois de um mês ou dois. Sabe-se lá. O certo é que chegou um tempo em que a família ao sair dos compartimentos do estábulo o José de Sousa estava sentado junto à mesa tomando as refeições, relinchando sorrateiro, convidando os companheiros para se servirem de capim fresquinho que logo cedo havia colhido pela janela.

O velho sentava, agora com um pouco de dificuldade, o tempo fizera com que a sua coluna crescesse, como se houvesse um rabo, custava se dobrar sobre o banquinho de madeira, a mulher já não franzia os cílios, apenas remexia as cadeiras, enquanto o burro lambia as suas orelhas, conquistando assim, seus afetos.

Ora, que interessante! Depois de uma longa convivência eles terminaram descobrindo que se pareciam muito mais com o animal, e o animal com o humano, do que a princípio havia imaginado, afinal, o bicho adaptou-se a uma vida regada a cuidado e carinho e o homem a uma vida com um pouco mais de animalidade.





APRESENTAMOS O POEMA

Muros baixos

POR ROSIANE COVALESKI

Formada em Letras, Português/Inglês, pela Universidade Tuiuti do Paraná. Escritora amadora e que procura traçar os pedaços que compõem sua trajetória. Seus textos são partes de um todo que a completam e a definem.

Sinto falta de muros baixos,
De casa cheia de esperança,
De cheiro de almoço pronto,
De tardes de chuva mansa,
De brincar sem compromisso,
Da inocência da minha infância...

Muros baixos, vida solta:
Os dias a passos lentos;
Riso fácil, pressa pouca,
Leveza no pensamento.

Sinto falta de tempos idos,
Que voaram nas asas do vento,
Restando somente a saudade
Encerrada no fundo do peito.





APRESENTAMOS O POEMA

O ciclo

POR SIMONE RODRIGUES DE CARVALHO

Simone é natural de Umuarama no Paraná, é formada pela Universidade Positivo em Gestão de Recursos Humanos e atualmente Graduanda em Bacharel em Direito, moradora da Cidade de Piraquara conhecida como berço das águas trabalhou na Prefeitura de Piraquara atuando nas áreas de assistência Social e Cultura, esporte e Lazer e atualmente é Diretora Administrativa do Hospital de Dermatologia Sanitária do Paraná- São Roque fundado em 1926.

Arar a terra,
Semear,
Aguardar o tempo de chuva,
Esperar o Sol brilhar e até mesmo a geada chegar,
Nasce a flor, nasce a fé e junto com a ela a esperança,
E o que parecia apenas flores secas, servem de adubo para a próxima geração.
O ciclo não para, não há tempo a perder.





APRESENTAMOS O POEMA

*Uma realidade nua e crua da
naturalização da violência contra a mulher*

POR SIMONE RODRIGUES DE CARVALHO

Simone é natural de Umuarama no Paraná, é formada pela Universidade Positivo em Gestão de Recursos Humanos e atualmente Graduanda em Bacharel em Direito, moradora da Cidade de Piraquara conhecida como berço das águas trabalhou na Prefeitura de Piraquara atuando nas áreas de assistência Social e Cultura, esporte e Lazer e atualmente é Diretora Administrativa do Hospital de Dermatologia Sanitária do Paraná- São Roque fundado em 1926.

Bem, seja ela doméstica ou não
Ela dói
Seja com palavras ou por gestos
Ela dói
Seja uma ofensa, ou uma frase negativa te diminuindo
Ela dói
A violência está em diversos ambientes
Porém ela é "vista" por poucos
Uma causa que pra muitos não tem importância
Mas pra quem sente, ela te segue pela vida toda
Ontem fui eu, hoje pode ser você, mas não deixe que o amanhã prossiga dessa mesma
forma
Começa de forma simples, vai evoluindo e quando se vê
Ah, as vezes já não dá tempo pra se ver mais
Só quem passou pela violência sabe a dor e o buraco imenso que isso nos deixa
Você pensa que a vida é isso mesmo
Que você está errada e que isso é algo já naturalizado pela sociedade
Ou até mesmo que daqui a pouco tudo acaba bem ou mal mais acaba
Ou você pode buscar um mundo glorioso que está a sua volta, vá, tente busque ajuda, não
tenha vergonha
O que você passa eu também já passei
A dor pode até ficar mais as feridas ah elas vão cicatrizar
E o sol, ahhhh ele te espera lindo e grandioso com um brilho que você jamais viu
Mas tenho certeza que você o verá em breve





APRESENTAMOS O POEMA

Vocação

POR VÂNIA PONTES

VÂNIA PONTES - Pseudônimo: Menina da Luz Encantada - natural da cidade de Ipueiras-CE. Doutoranda em Psicologia pela UFC. Especialista em Língua Portuguesa e Literatura pela UVA. Graduação em Letras e Direito. Advogada OAB/CE, professora universitária e gestora pedagógica do Curso de Bacharelado em Direito da FAL. Autora de coletâneas de contos e poesias. O ingresso no universo literário começou em 2005 como acadêmica do Curso de Letras. Contos publicados: "Sinal Encoberto", "Juséros" e "Pessoa". Poemas publicados: "Ondas"; "Anjo"; "Escadaria"; "Sobrevivente"; "Identidades em caracóis"; "Filha do fogo"; "Sem expectativas"; "Face oculta"; "Fera despertada"; "Çei, çei, çei..."; "Sóis"; "Samurai"; "Fragmentos"; "Anjo bruxo"; "Mesmice"; "Doses diárias"; "Meia palavra"; "Coração menino"; "Cupido na pandemia"; "Alma de professor"; História e memória; "Um peixe"; "Senhor do Vinho"; "Fios infratores"; "Ipê florido"; "As estrelas me disseram", "Encabulado", "Inspiração de Natal", "Transparência que encabula", "Na arca da memória", "Sensações" e outros em processo de publicação.

Você diz que é vocação meus sonhos poéticos,
Mas não entende que é a única via de salvação,
Que encontrei para falar dos anseios dialéticos,
Da alma passageira, do trem da grande estação.

Quando encontro o seu olhar passante na luta,
Do dia fugitivo, é como se os versos falassem,
Que me escondi de você por trás dessa labuta,
E, agora? Quero seu amor nos vagões do trem!

Na velocidade desse trem segue o meu coração,
E você olha como um estrangeiro bem de longe,
As pétalas que joga da janela do trem, no chão,
Cada pétala é uma poesia que sangra da alma e foge.

Na estação do trem da vida quero viver essa paixão,
Ela já rompeu os meus átrios nos encontros de partida.
Quando o vi com o rosto de menino-homem em ação,
Do vagão suspirei na saída dos trilhos, sem despedida.

Se o nascimento desses versos são só sonhos poéticos,
Quero viver a sua eternidade, em cada uma dessas linhas,
Que aqui anoto para sobreviver ao dilúvio mais dialético,
Da vida fora dos trilhos, por conta, do amor sem vinhas.

Se é acertado te amar, não quero saber, pois sinto vontades,
E mesmo que eu tenha de voltar a seguir no trem da solidão,
Comboiarei nos vagões, com os sonhos poéticos de verdades,
Ditas nas linhas e entrelinhas do trem de versos do meu coração.



CONHEÇA OUTRO TÍTULO DA COLEÇÃO



BAIXE O E-BOOK GRATUITAMENTE: CLIQUE SOBRE A CAPA

VISITE: WWW.REVISTAPROJETOAUTOESTIMA.BLOGSPOT.COM

CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/PROJETOAUTOESTIMA

WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTAPROJETOAUTOESTIMA

E-MAIL: ELENIR@CRANIK.COM

PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO: CLIQUE AQUI